

Quanto vale ou é por quilo? - Uma breve discussão sobre a raça, gênero e ações afirmativas

Bianca Buse*

Resumo: Este artigo busca identificar questões sobre raça, gênero e ações afirmativas que podem ser encontradas no filme *Quanto vale ou é por quilo*, lançado em 2005, do diretor Sérgio Bianchi. Nesse filme, é apresentado um paralelo entre duas épocas distintas: o século XVIII, momento da escravidão; e o presente, século XXI. Apesar da grande diferença temporal, os dois períodos assemelham-se, conforme apresentado no filme, na manutenção da impunidade e da violência, nas diferenças sociais e econômicas. É possível verificar, após a análise de algumas cenas do filme, alguns pontos pertinentes à discussão sobre a raça negra, ao preconceito com o lugar que a mulher ocupa no mercado de trabalho e, sobretudo, aos problemas que surgem na ausência de ações afirmativas e políticas públicas.

Palavras-chave: Ações afirmativas; *Quanto vale ou é por quilo*; raça.

Resumen: Este artículo trata de identificar problemas relacionados con la raza, el género y las acciones afirmativas que pueden encontrarse en la película *Quanto vale ou é por quilo*, lanzado en 2005, del director Sergio Bianchi. En esta película, se ve un paralelo entre dos épocas bien diferenciadas: el siglo XVIII, la época de la esclavitud, y el presente, siglo XXI. A pesar de la gran diferencia temporal, los dos períodos son similares, tal como se muestra en la película, en el mantenimiento de la impunidade y de la violencia, en las diferencias sociales y económicas. Es posible verificar, después del análisis de algunas escenas de la película, algunos de los puntos

* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura.
biancabuse@yahoo.com

relevantes para la discusión acerca de la raza negra, de los prejuicios contra el lugar que las mujeres ocupan en el mercado de trabajo y, especialmente, de los problemas que surgen en la ausencia de medidas de acción afirmativa y políticas públicas.

Palabras claves: Acciones afirmativas, *Quanto vale ou é por quilo*; raza.

Falar sobre a intersecção raça/gênero e sobre ações afirmativas não é algo tão simples e tranquilo, até porque cada qual apresenta suas complexidades. O próprio conceito de raça e de gênero sofreu diversas alterações ao longo do tempo, e continua em discussão, pois já é sabido que não são conceitos estáticos, mas sim que são construções sociais. Por exemplo, em se tratando da discussão a respeito de raça, podemos considerar os apontamentos de Kabengele Munanga que assevera que “[...] o conceito de raça, tal como empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação” (MUNANGA, 2003, p. 6). E na mesma direção de Munanga, reconhecemos, segundo José de Sousa Miguel Lopes, que o racismo também é uma ideologia e “como toda ideologia se materializa em práticas sociais. A constatação, por mais importante que seja, de que não existem raças, não é suficiente para eliminar o preconceito e as consequências nefastas ocasionadas por ele” (LOPES, 2009, p. 179). Logo, o conflito que rodeia essa questão de raça e racismo está fundamentado em questões sociais, culturais, políticas e econômicas, todavia, “não é um problema para ser resolvido somente pelos negros, mas é um problema global, além de ser uma questão histórica de toda a sociedade” (LOPES, 2009, p. 182).

Da mesma maneira, a conceituação de gênero, conforme nos afirma Joan Scott, é culturalmente construída: “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14). O que

já de antemão podemos perceber é que tanto o conceito de raça e racismo, como o de gênero são construídos socialmente e que estão impregnados de relações de poder. A problemática onde isso tudo irá desembocar é a questão de (des)igualdade de raça e de gênero.

Pensando agora exclusivamente no Brasil, onde existiu, e ainda persiste, um falso mito de democracia racial, no qual o preconceito racial é velado, silencioso – mas bastante cruel, como qualquer tipo de preconceito –, a discussão sobre a problemática da desigualdade de raça e gênero é muito complicada, já que, muitas vezes, ela é negada, ou ainda atenuada com argumentações que buscam mostrar que, aqui, os problemas em geral ficam na esfera das classes sociais – o que seria equivalente a dizer que, por exemplo, uma mulher negra pobre apresenta maiores problemas que uma mulher branca rica, não por conta do gênero e da raça, mas sim pela condição socioeconômica em que se encontra. Isso, é claro, não é uma total inverdade; contudo, não exclui as outras duas condições (gênero e raça) do “balaio”, mas acrescenta-se ao mesmo.

Quando identificamos que só a aceitação da existência dessas desigualdades já é algo polêmico, não fica difícil perceber que a implementação de ações que procurem, ao menos, diminuir essas disparidades é também um assunto bastante controverso. Falamos aqui da questão das ações afirmativas que, conforme Lopes:

definem-se como políticas voltadas para a concretização do princípio constitucional da igualdade material e para a neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Assim, a igualdade deixa de ser simplesmente um princípio jurídico a ser respeitado por todos e passa a ser um objetivo constitucional a ser alcançado pelo Estado e pela sociedade. (LOPES, 2009, p. 185)

Dentre essas ações afirmativas, podemos destacar, por exemplo, a questão das cotas para afrodescendentes, que é uma medida que ainda suscita muitas divergências. Todavia, é fato que ações precisam

ser tomadas com o intuito de lutar contra as desigualdades existentes no âmbito de raça e gênero – aliás, desigualdades estas notórias, apesar do discurso contrário de alguns.

Para pensarmos um pouco mais a respeito deste emaranhado de assuntos levantados (raça, racismo, gênero, ações afirmativas etc.), buscamos, no cinema brasileiro, uma retratação da realidade vivenciada no Brasil, em especial sobre as questões pertinentes à raça negra e às ações afirmativas, ou melhor, no caso deste filme, os problemas que surgem na ausência de ações afirmativas e políticas públicas eficazes. O filme aqui escolhido é *Quanto vale ou é por quilo*, lançado em 2005, do diretor Sérgio Bianchi. Trata-se de uma livre adaptação do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1903) – que retrata o período da escravidão no Brasil. No conto desse renomado autor brasileiro, há uma escrava grávida – Arminda – que foge de seu “senhor”. Cândido Neves, que está passando por uma crise financeira e por isso talvez tenha que deixar seu filho recém-nascido na “roda dos enjeitados”, vai atuar como caçador de escravos foragidos na tentativa de levantar fundos e ter condições de, assim, criar seu filho. Ele vai, então, à caça de Arminda, a captura e a leva de volta ao seu “senhor/dono”. A escrava implora pela compaixão de Cândido, para que a deixe ir, porém, mesmo após os inúmeros apelos da moça, ele a leva de volta para a casa de onde ela fugira. No desespero de tentar escapar, Arminda acaba abortando na frente do seu “dono” e do seu “caçador”. Após receber pela captura da escrava, Cândido volta pra casa com seu filho, com o pensamento de que “nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 1997). No filme de Bianchi, além da representação desta cena do conto, há também, no decorrer do enredo, cenas baseadas nas crônicas de Nireu Cavalcanti sobre a escravidão, extraídas dos autos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.²

² CAVALCANTI, Nireu. *Crônicas históricas do Rio colonial*, 2004.

O filme *Quanto vale ou é por quilo* vai projetar um paralelo entre duas épocas distintas: o século XVIII, momento da escravidão – retratado no conto de Machado de Assis – e o presente, século XXI. Apesar da grande diferença temporal, os dois períodos assemelham-se, conforme apresentado no filme, na manutenção da impunidade e da violência, nas diferenças sociais e econômicas. Enquanto no século XVIII havia a exploração da escravidão com todas as crueldades possíveis e com os “capitães do mato”, que caçavam os escravos foragidos para vendê-los aos senhores da terra, visando ao lucro – ainda que imoral –; hoje, como mostrado no filme, o chamado Terceiro Setor, as ONGs, aparecem também, em alguns casos, explorando a miséria com atividades assistencialistas. Essa superposição das duas épocas retratadas permite a visualização e o confronto das situações representadas.

O filme inicia com uma cena do período da escravidão, onde uma escrava alforriada reclama o roubo de um dos seus escravos por um senhor branco, de posses. Apesar de ter como provar que o escravo entregue na casa do senhor pertence a ela, a ex-escrava é condenada por ofensas morais e raciais. Após isso, há uma sequência de cenas que reportam ora ao presente, ora ao período da escravidão.

O interessante é que, em alguns casos, os mesmos autores aparecem atuando em ambos os momentos, com papéis diferentes, mas com uma certa relação de contiguidade – mais uma forma de fazer uma analogia entre os dois períodos. Por exemplo: em cenas representando o século XVIII, há uma personagem que é escrava e que, em muitos momentos, aparece sofrendo as torturas que eram comuns no período da escravidão, como o tronco, a máscara de folha-de-flandres etc. A mesma atriz também atua na cena, anteriormente citada, do conto de Machado de Assis, na qual ela é a escrava fugitiva grávida que acaba abortando ao ser capturada. Já na representação do tempo presente, a mesma atriz encena a personagem chamada Arminda (mesmo nome

da personagem do conto de Machado de Assis) que é uma mulher negra, pobre, moradora de uma favela carioca, engajada na busca de melhorias para um projeto de informática para a sua comunidade. Outra personagem retratada nos dois momentos é o Cândido Neves, ou Candinho: na cena do filme que reproduz o conto “Pai contra Mãe”, ele é o caçador de escravo refugiado e, nas cenas do século XXI, ele aparece como um rapaz pobre, desempregado, com um filho recém-nascido e sem condições financeiras para criá-lo e dar tudo aquilo que sua esposa sonha em ter. Na tentativa de melhorar de vida, Candinho torna-se matador de aluguel.

Há outras cenas, no filme, que também retomam os dois momentos, com os mesmos autores, como no caso da personagem Maria do Rosário que, no século XVIII, é uma senhora branca que, dispondo de alguma posse, compra escravos para poder revendê-los depois, sempre almejando seu lucro. Já no período atual, a mesma atriz encabeça uma ONG, mostrando-se uma pessoa que só pensa no bem dos outros, mas que, na realidade, se beneficia do “bem” que presta aos que precisam. Esse artifício de usar os mesmos autores representando personagens diferentes – mas que apresentam algum aspecto relacional entre si – em períodos de tempo bastante distantes, só vem reforçar a tentativa do diretor de *Quanto vale ou é por quilo* de mostrar que há muitas semelhanças – cruéis semelhanças – entre o período da escravidão e o século XXI. E que por mais mascaradas que elas possam estar, às vezes “atuando na forma de outra personagem”, a impunidade, a violência, a discriminação, as diferenças socioeconômicas do presente são similares as do século XVIII.

O filme de Bianchi traz uma grande crítica ao abuso do poder, onde o que fala mais alto é o lucro, seja ele conquistado na exploração dos escravos, como no século XVIII, seja por meio de projetos ditos sociais, mas que, na verdade, objetivam vantagens e benefícios com a exploração da miséria alheia. Como nos aponta Lucas, o Terceiro Setor envolve

[...] uma gama imensa de ações voluntárias, instituições filantrópicas destinadas à prestação dos mais diversos serviços sociais, ONGs com projetos de intervenção sistemática e organizações de defesa de direitos de grupos sociais específicos. Pode-se dizer que engloba ações desde o assistencialismo mais paternalista e conservador até organizações com intervenções bastante estruturadas no seio da sociedade orientadas por concepções mais amplas de cidadania. (LUCAS, 2007)

As ONGs surgem para suprir os “buracos” deixados pelo Estado na realização (ou na falta) de políticas públicas eficazes. Não se pode negar que estas instituições ajudam muito, e com certeza há muitas entidades honestas realmente interessadas em ajudar a quem precisa; no entanto, a realidade está aí para que todos enxerguem – há muita gente desonesta envolvida nisso; muitos que usam as ONGs para desviar verbas, lavar dinheiro sujo, mascarar negócios ilícitos. No filme, o Terceiro Setor visa à obtenção de lucro, explicitamente. A solidariedade e a responsabilidade social, para as empresas, são evidenciadas como uma questão de marketing. Tanto é que contratam empresas especializadas para desenvolver projetos e ações de responsabilidade social, sendo que isso deveria ser desenvolvido pela própria empresa. Em *Quanto Vale ou é por quilo*, a empresa Stiner – especialista em marketing social – buscar captar recursos de empresas para desenvolver projetos sociais, como o “Informática na Periferia”, no qual a mesma seria responsável pela implantação de computadores para atender a uma comunidade carente. Contudo, os computadores que são disponibilizados neste projeto são todos sucateados e uma das funcionárias que trabalha na Stiner descobre que houve superfaturamento na compra. Além disso, fica óbvio, durante todo o filme, que entre o recurso captado e o beneficiário, há uma série de irregularidades e corrupção, como desvio de verbas, superfaturamentos, contas fantasmas etc.

Apesar do filme todo ser uma crítica feroz ao chamado Terceiro Setor, alguns trechos serão abordados, na sequência, com a intenção de destacar pontos a respeito da questão de raça, gênero e ações

afirmativas. A primeira cena analisada é a preparação para a filmagem de um comercial em prol das crianças negras. O contratante – uma ONG (Stiner) – exige que, no elenco, haja 75% de crianças negras, 15% de brancas e 10% de “outros” para retratar a realidade do Brasil. Na separação do elenco, é nítido que o critério para a identificação da raça são os traços corporais (cabelo, pele). Quando o produtor encontra um menino com a pele bem escura, ele exclama: “Esse é 100% negro, tem até *pedigree*”. Este comentário, ao ser ouvido por Lourdes (funcionária da ONG e negra), gera uma grande discussão, na qual Lourdes resgata todo um discurso sobre “dívida histórica” com a raça negra. Entretanto, o diretor do comercial rebate dizendo para que ela não se faça de vítima “só porque é negra”; e ele ainda afirma que não persegue e não se recusa a contratar negros. A fala final desta cena é bastante representativa da situação da população negra no país: “Você não pagou? Pois então você venceu! Hoje, aqui neste *set*, negro é lindo!” [...] – Ô Bira, pinta todos esses moleques de preto!”. O dinheiro e o poder falam mais alto e o preconceito é mascarado na hipocrisia. Num discurso inflamado, o diretor do comercial sugere que, desde que seja bem pago, não há nenhum preconceito contra os negros. Isso, aliás, demonstra que o preconceito racial existe sim, ainda que disfarçado. Além disso, também há uma ironia velada com o movimento cultural “*Black is beautiful*”, que se iniciou nos Estados Unidos, em 1960, objetivando eliminar a ideia de que a negritude e seus traços característicos são feios.

Ainda nesta mesma cena, podemos pensar, além da questão da identificação do que é negro e no autorreconhecimento da raça (já que, no comercial, os meninos negros aparecem afirmando que são negros e devem fazer isso de forma a demonstrar orgulho), também nos preconceitos e estereótipos relacionados à raça negra e, é claro, não se pode deixar de lado todo o discurso impostado pela personagem Lourdes, na posição de mulher negra, numa clara referência à intersecção de gênero e raça.

Para retomar a discussão sobre ações afirmativas, mostrando como a falta de ações afirmativas sérias pode acarretar no oportunismo de pessoas e empresas que se dizem solidárias com os menos favorecidos, mas que, de fato, almejam lucrar com isso, destacamos aqui uma cena do filme de Bianchi que representa bem essa situação. Nesta cena, a empresa Stiner está sugerindo mudanças num vídeo institucional de uma empresa chamada “Sorriso de criança”. O diretor da Stiner diz ao cliente que a estratégia do vídeo já está ultrapassada, pois apresenta crianças sujas, tristes, sofrendo. Ele informa que é necessário melhorar a imagem do “produto”, que deve estar “vinculada ao êxito”, pois “quem financia a solidariedade está preocupado com o retorno”. Logo, a Stiner pode melhorar a visão do “produto”, colocando imagens de crianças felizes, o que atrairia mais investidores.

Em outra cena, também retratando o falso assistencialismo, uma *socialite* – Marta Figueiredo – aparece fazendo doações, o que, conforme narrado no filme, apesar do contato com a “miséria humana” despertar nojo, espanto e piedade, também colabora para uma “boa dieta na consciência”. Em outro momento, outra cena de assistencialismo absurdo, onde famílias de crianças com câncer são levadas para passar uma semana em um hotel cinco estrelas: como se essa ação fosse mudar a vida daquelas pessoas.

A última cena destacada é a cerimônia de entrega do prêmio Inovação Solidária, concedido ao projeto “Manual de Captação de Recursos” – que só pelo nome já deixa clara a ideia de “ensinar” como conseguir captar fundos para “projetos assistenciais”. Na sequência da entrega do prêmio, o filme apresenta uma série de dados interessantes, como: existe mais de 20 mil entidades assistenciais no Brasil; o capital movimentado neste “mercado assistencialista” passa de 1 milhão de dólares por ano; cada criança carente “gera” 5 empregos etc. Tudo isso para mostrar que o “mercado assistencialista” aqui é bastante promissor e pode, se bem organizado e planejado, trazer bons lucros (tanto é que, no filme, ainda há uma cena de um curso voltado para a elaboração de estratégias de desenvolvimento de projetos para ONGs).

Enfim, o filme *Quanto vale ou é por quilo*, do diretor Sérgio Bianchi, pode ser visto até como um excesso de críticas pesadas, principalmente às direcionadas ao Terceiro Setor, já que o filme mostra apenas o lado “sujo” do assistencialismo, retratando exclusivamente pessoas e empresas gananciosas que procuram explorar a miséria alheia para obter lucros. Como já mencionado anteriormente, não podemos esquecer que há pessoas e entidades sérias envolvidas em projetos assistenciais e que isso realmente ajuda e traz alívio para muitas famílias menos favorecidas; contudo, as críticas apresentadas no filme servem para que a população fique de olhos bem abertos, fiscalizando toda essa questão.

A imagem de um país que está em permanente crise de valores fica muito evidente no filme de Bianchi – e isso, realmente, ninguém pode negar!

Referências

ASSIS, Machado. “Pai contra mãe”. In _____. Os melhores contos. Seleção de Domicio Proença Filho. São Paulo: Global, 1997.

BIANCHI, Sérgio. *Quanto vale ou é por quilo?* Direção e Roteiro de Sérgio Bianchi. Brasil. Europa Filmes, 2005.

CAVALCANTI, Nireu. *Crônicas históricas do Rio colonial*, 2004.

LUCAS, Marcilio Rodrigues. “Os sentidos e os limites da responsabilidade social empresarial: Estudo de caso sobre os projetos do Instituto Algar”. In Revista *Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 37-53, 16 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>>. Acesso em: 30 jan. 2011.

LOPES, José de Sousa Miguel. “Ações afirmativas: uma contribuição para o debate”. In _____. Educação e cultura africanas e afro-brasileiras: cruzando oceanos. Belo Horizonte: Fac. Letras UFMG, 2009. p. 179-198.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br>>.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16. n. 2, Porto Alegre, p. 5-22, 1990.